

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA FRONTEIRA FRANCO-
BRASILEIRA:
REFLEXÕES SOBRE O COMÉRCIO TRANSFRONTEIRIÇO¹**

Gutemberg de Vilhena Silva - bgeografo@gmail.com²
Ítalo Allan Maia Gouvêa – italogouvea7@gmail.com³

RESUMO

A gênese das ações objetivando cooperação transfronteiriça entre França e Brasil nasceu a partir da assinatura do *Acordo-Quadro Franco-Brasileiro* (1996), marco inicial de análise do presente trabalho. Nosso objetivo é demonstrar o atual cenário das relações comerciais entre o Amapá (Brasil) e a Guiana Francesa (França). Em traços gerais, pode-se dizer que a cooperação transfronteiriça no aspecto comercial dentro do espaço geográfico em questão ainda é pífia, marca de séculos de rivalidades e indiferenças. Este artigo utilizou como base metodológica o trabalho de campo associado com pesquisa documental e revisão de literatura especializada sobre a temática. Em linhas gerais, concluímos que para a evolução comercial no território transfronteiriço é necessária a formatação de diferentes mecanismos de regulação do trânsito de mercadorias e serviços.

Palavras-Chave: Relações Internacionais. Amazônia Oriental. Interações Transfronteiriças. Comércio Transfronteiriço. Amapá-Guiana Francesa.

ABSTRACT

The genesis of actions aimed at cross-border cooperation between France and Brazil was born from the signing of the Framework Agreement *Franco-Brazilian* (1996), starting point of analysis of this study. Our goal is to demonstrate the current scenario of trade relations between the Amapá (Brazil) and French Guiana (France). Broadly speaking, we can say that the cross-border cooperation in the commercial aspect in geographic space in question is still worthless marks of centuries of rivalry and indifference. This article used as a methodological basis fieldwork associated with document research and review of the literature on the subject. In general, we conclude that for commercial development in the territory boundaries is necessary formatting of different regulation mechanisms of transit of goods and services.

Keywords: International Relations. Eastern Amazon. Cross-border interactions. Cross-Border Trade. Amapá, French Guyana.

¹ O trabalho é resultado da bolsa de Iniciação Científica PIBIC/ UNIFAP 2012-2013.

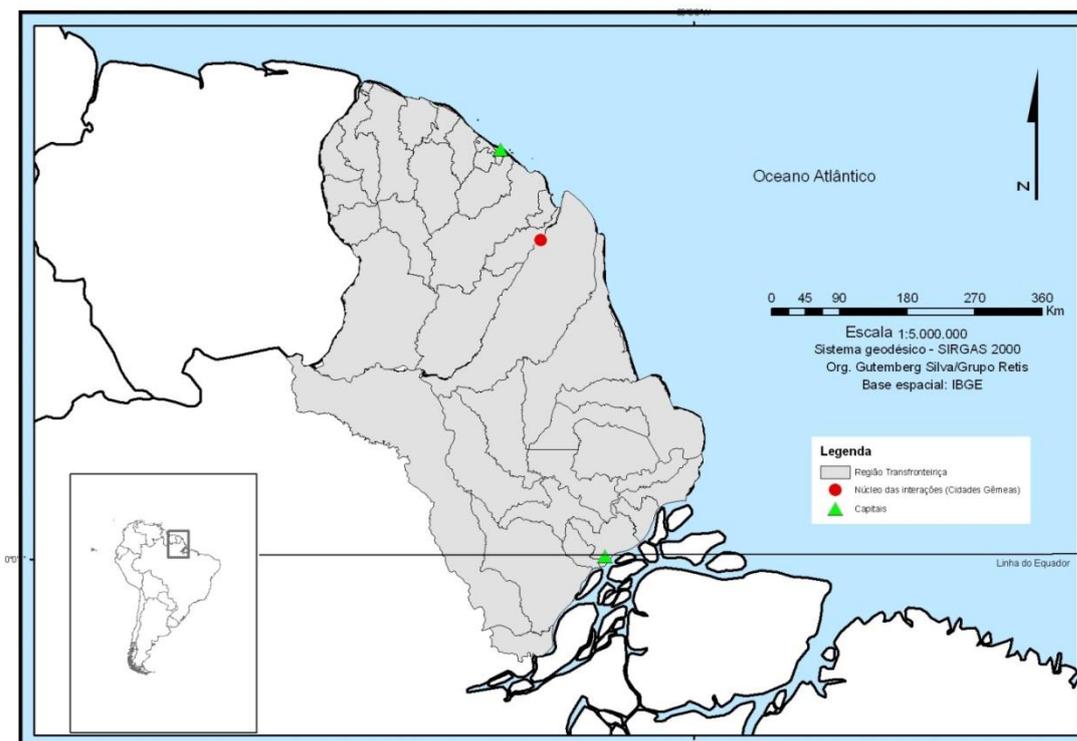
² Professor de Geografia Política no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá. Coordenador do Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFRON – www2.unifap.br/obfron) e do Grupo de Pesquisa Percepções do Amapá.

³ Discente do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

INTRODUÇÃO

O momento atual tem sido singular na fronteira entre o estado do Amapá e o Departamento da Guiana Francesa. Desde fins do século passado ambos os países promovem uma série de reuniões das quais algumas iniciativas concretas de cooperação transfronteiriça (CT) se tornaram realidade, por um lado, e por outro esbarraram em entraves no percurso que inviabilizaram a sua materialidade, no que a literatura pertinente denomina de efeito-barreira⁴ (EB).

Mapa 1 - Unidades administrativas Amapá-Guiana Francesa (Área de estudo)



A gênese das ações objetivando cooperação na fronteira franco-brasileira, que não fosse restrita à definição de limites precisos, nasceu a partir da assinatura do *Acordo-Quadro Franco-Brasileiro* (1996), ponto inicial de análise do referente trabalho. O acordo teve seus primeiros passos em 1995, com uma aproximação entre MERCOSUL e União Europeia (UE) (FRANÇA, 2007), foi de fato um marco institucional na aproximação entre Amapá e Guiana Francesa (Mapa 1). Isto porque o dispositivo serviu como uma moldura institucional ampla, um “Guarda-Chuva” das medidas visando a CT. Ou seja, o Acordo-Quadro se tornou um suporte para o estabelecimento de *novas estratégias territoriais* e, com isso, tem proporcionado os

⁴ A Barreira é definida como qualquer condição ou ação que impede ou restringe a livre circulação e interação de pessoas, capitais, produtos, serviços e ideias. Neste caso, o gradiente de abertura e/ou fechamento em sentido amplo é chamado de efeito-barreira (EB). Para Nijkamp; Rietveld e Piet. (1990) o EB reflete nos padrões de comunicação de uma forma geralmente não linear, com consequências nos padrões de localização das atividades humanas e nas tipologias de fechamento-abertura das fronteiras.

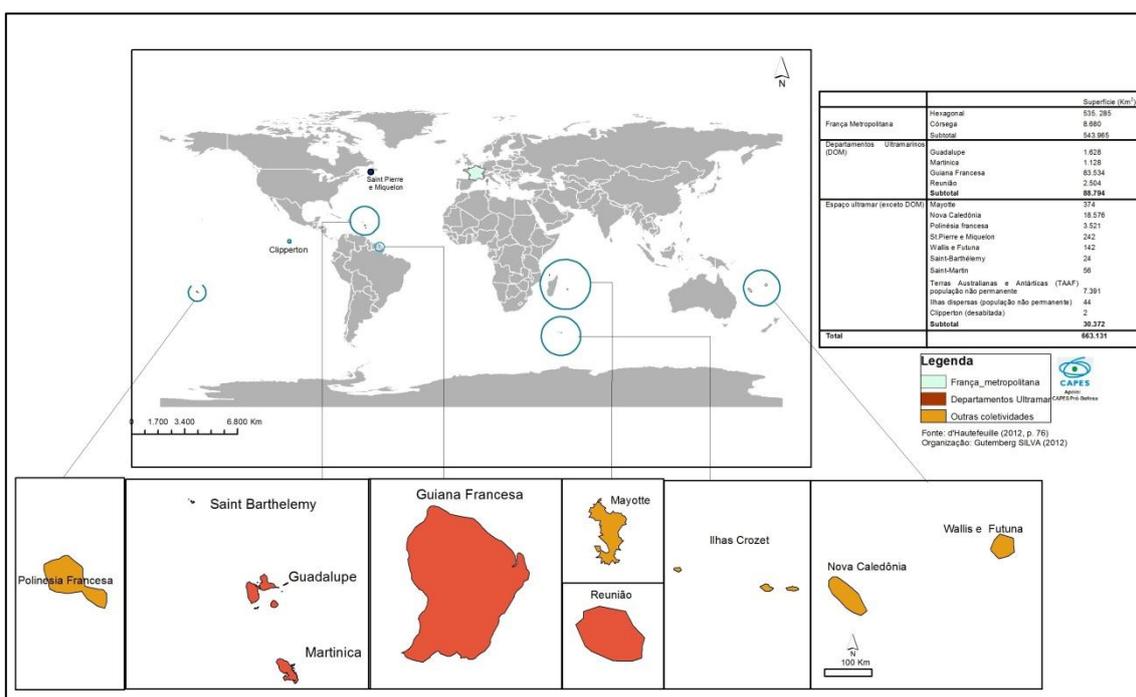
primeiros passos para a construção de uma nova agenda entre Brasil e França na sua zona de fronteira.

Uma série de documentos foi produzido nos últimos 16 anos (1996-2012) em diversas mesas de negociação entre atores locais, nacionais e internacionais. No referido período ocorreram 7 Comissões Mistas Transfronteiriças (CMT), momento deliberativo mais importante para apresentação de novas propostas e resultados do que já se propunha anteriormente. A partir disso, propõe-se discussão acerca de questões relativas ao comércio transfronteiriço que emerge com a CT. Para responder esta questão foram analisados relatórios produzidos nas CMT e distintos artigos acadêmicos⁵.

ASPECTOS COMERCIAIS ENTRE AMAPÁ E GUIANA FRANCESA

A avaliação do comércio exterior é diferente entre territórios. Na Guiana Francesa, compreende-se como o conjunto das relações comerciais com o exterior, incluindo não somente países estrangeiros, mas também outros departamentos franceses⁶. Enquanto a avaliação brasileira é feita a partir de negociações com o estrangeiro, não incluindo outros estados de sua federação. Esta observação é relevante porque metade dos intercâmbios comerciais da Guiana Francesa é realizado com o restante da França (França Metropolitana e os outros departamentos ultramarinos, visualizados no Mapa 2).

Mapa 2 – Localização da França continental e seus departamentos ultramarinos



A Guiana Francesa importa 13 vezes mais que o Amapá, ao mesmo tempo em que exporta três vezes menos. As importações são muito diversificadas nos dois territórios, contudo, no Amapá elas servem essencialmente para a produção, por outro

⁵ (PORTO, J.L.R.; SILVA, G.V., 2009; PORTO, J.L.R., 2009; c, SILVA e PORTO, 2010; SILVA e RÜCKERT, 2006; 2009ab; SILVA, 2007; 2008; 2009; 2010abc).

⁶ O departamento ultramarino francês se localiza a mais de 7 mil km da França continental.

lado, na Guiana Francesa a parte destinada ao consumo final se sobrepõe. No tocante às exportações, a única semelhança entre os dois territórios são as remessas de ouro (aproximadamente 44%). O restante das exportações guianenses vem do envio de containers vazios (35%), mas também da reexportação de equipamentos para a construção civil e outros veículos, até mesmo navios (8%), conforme constatado na Tabela 1 (INSEE, 2011).

Tabela 1 – Amapá e Guiana Francesa: distribuição das principais exportações e importações por natureza (média trienal 2006-2008, milhares de euros)

Amapá		Guiana Francesa*	
Exportações	Importações	Exportações	Importações
Natureza Montante %	Natureza Montante %	Natureza Montante %	Natureza Montante %
Ouro 63 640 44,4%	Material de perfuração e buldôzeres, motores a diesel e 17 951 51,6%	Ouro 19 485 43,6%	Prod. Indust. Bens de equipamentos 114 077 24,4%
Madeira e produtos derivados 43 363 30,2%	grupos eletrogênios (incluindo peças avulsas)	Quadros e containers vazios 15 635 35,0%	Prod. Indust. Bens de consumo corrente 82 220 17,6%
Minerário de Ferro de cromo, manganês 29 344 20,5%	Aparelhos audível, aparelhos de radiografia	Arroz 2 127 4,8%	Prod. Indust. Bens intermediários 78 020 16,7%
Frutos e legumes, preparação 6 612 4,6%	Scanner 2 288 6,6%	Máquinas para a construção civil e outros	
Gado 308 0,2%	Perfumes 1 457 4,2%	veículos, barcos 2 076 4,6%	Prod. Indust. automotivos 67 751 14,5%
Total: 143 350 100%	Cianeto e carvão ativado 1 407 4,0%	Diversos instrumentos de medida 1 158 2,6%	Energia 63 951 13,7%
	Roupas 897 2,6%	Produtos para pesca 1 118 3%	Prod. Indust. e agroalimentares 55 586 11,9%
	Total: 34 820 100%	Total: 44 690 100%	Total: 4 67 993 100%

*Com a União Europeia, exceto a França metropolitana.

Fonte - Departamento Nacional de Estatística de Comercio Exterior da França citado por INSEE (2011a)

Em 2004⁷, o déficit do comércio exterior da Guiana Francesa foi superior a 500 milhões de euros. Seu sistema econômico introvertido é orientado para a satisfação do

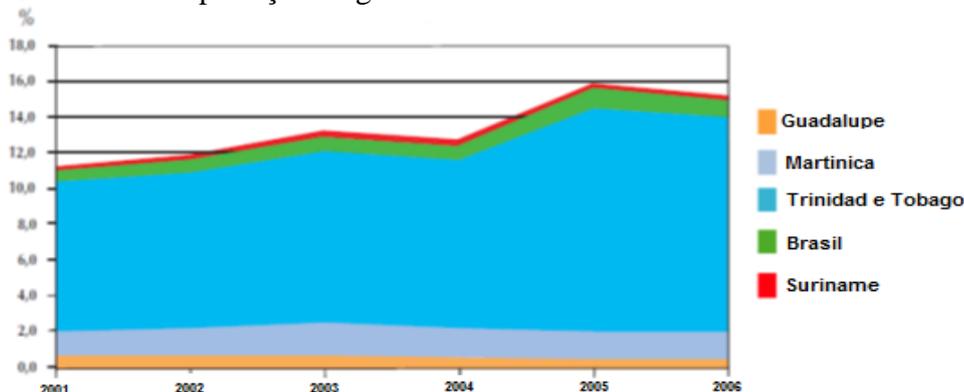
⁷ O fracasso da versão “10 toneladas” do lançador Ariane 5, em dezembro de 2002, e o fim do lançamento do Ariane 4 em fevereiro de 2003, contribuiu para a redução da principal atividade

mercado interno. A baixa taxa de exportação é o sinal mais evidente da falta de competitividade internacional. Contudo, mudanças têm ocorrido nos padrões de comércio, particularmente relacionados com o aumento da oferta de serviços. Entre 1993 e 2004, as tradicionais exportações de produtos agrícolas e agroindustriais recuaram ao mesmo tempo em que as exportações de produtos industriais obtiveram ligeira evolução (INSEE, 2011b).

A Guiana Francesa se beneficia de fundos dedicados a cooperação regional para estimular o intercâmbio transfronteiriço. No entanto, o volume de tais estímulos não são suficientes para expressiva dinamização do comércio regional. Desde 2000, as importações regionais de bens permaneceram estáveis, com menos de 14% na média total das importações, dos quais 10% são de petróleo e gás oriundos de Trinidad e Tobago (Gráfico 1).

Excluindo produtos petrolíferos e gás advindos de Trinidad e Tobago, os principais parceiros comerciais mantiveram-se, em 2006, as Antilhas francesas com água mineral e rum, mas também com o Brasil por meio da compra de móveis, mesmo com dados bastante tímidos.

Gráfico 1 – Importações regionais da Guiana Francesa

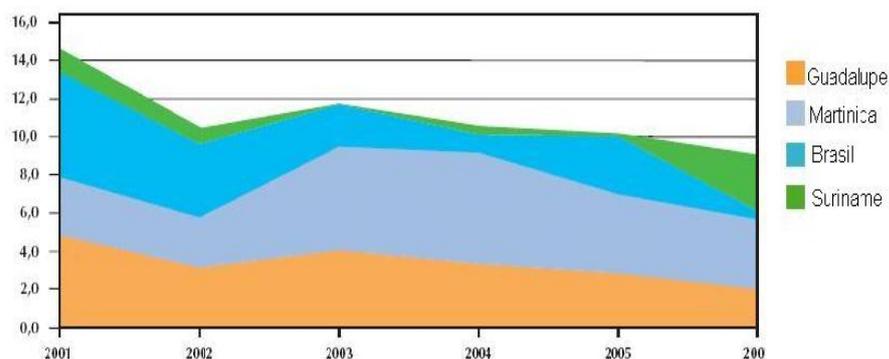


Fonte: Adaptado de INSEE (2011b)

As exportações são destinadas para países da região (Caribe e América Latina). Os principais parceiros comerciais nas exportações da região são as Antilhas francesas que compram pescado, madeira e camarão, assim como o Brasil, que importa principalmente ouro. Um dos fatores que explicam o acentuado declínio nas exportações (Gráfico 2) é o declínio das remessas oficiais de ouro para o Brasil e os preços crescentes para exportação, tornando os produtos da Guiana Francesa menos atraentes no mercado regional. Além disso, os dados mostrados no Gráfico 2 indicam o Brasil como o segundo país de destino das exportações da Guiana Francesa.

Gráfico 2 – Exportações regionais da Guiana Francesa

da base espacial que se reflete no fluxo de importações e exportações de 2003 e 2004. Além disso, o lançador Ariane 5, duas vezes mais barato que seu antecessor e que fez maior uso de subcontratação local, pesa menos no comércio exterior na Guiana Francesa, o que explica a queda acentuada das taxas de importações e exportações registradas desde 2003.

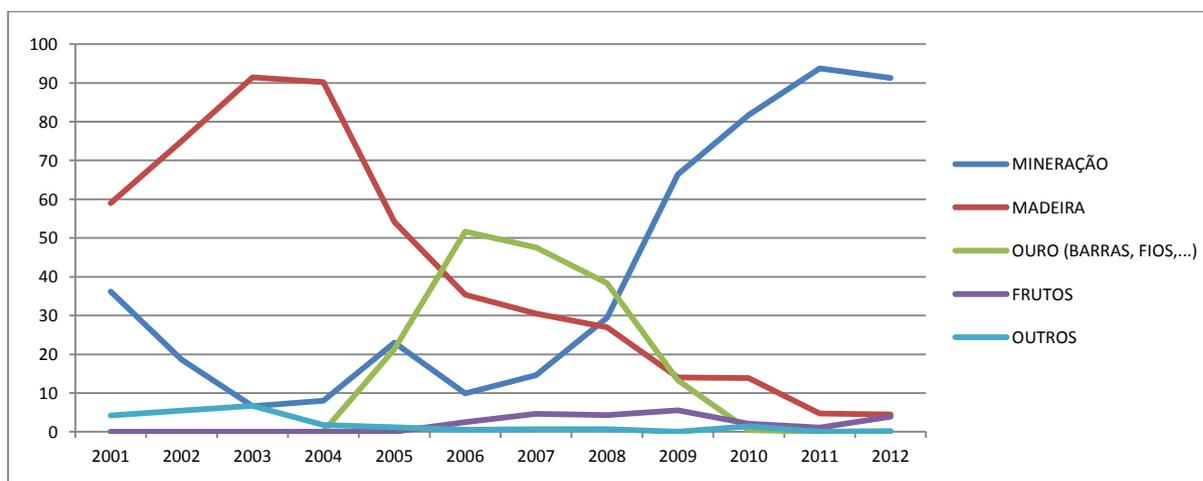


Fonte: adaptado de INSEE (2011b)

O tímido grau das trocas comerciais transfronteiriças com o Brasil e o Suriname revela o EB, a barreira linguística⁸ e a falta de tráfego de interconexão são exemplos desses obstáculos. Algumas áreas temáticas como a saúde e a proteção do meio ambiente, no entanto, são ricas em parcerias transfronteiriças como constitutivo das preocupações comuns de ambas as partes.

O Estado do Amapá, por seu turno, alterou seu principal produto da pauta de exportação de 2001 a 2012. O Gráfico 3 demonstra o comportamento dos principais produtos remetidos ao exterior. No período de 2001 a 2005, o destaque é para a exportação de cavacos de madeira pela empresa AMCEL, com média aproximada de 75% do total estadual, atingindo o pico de 91% em 2002, contra 18% de minérios.

Gráfico 3 – Produtos exportados pelo Estado do Amapá (2001-2012, em %)

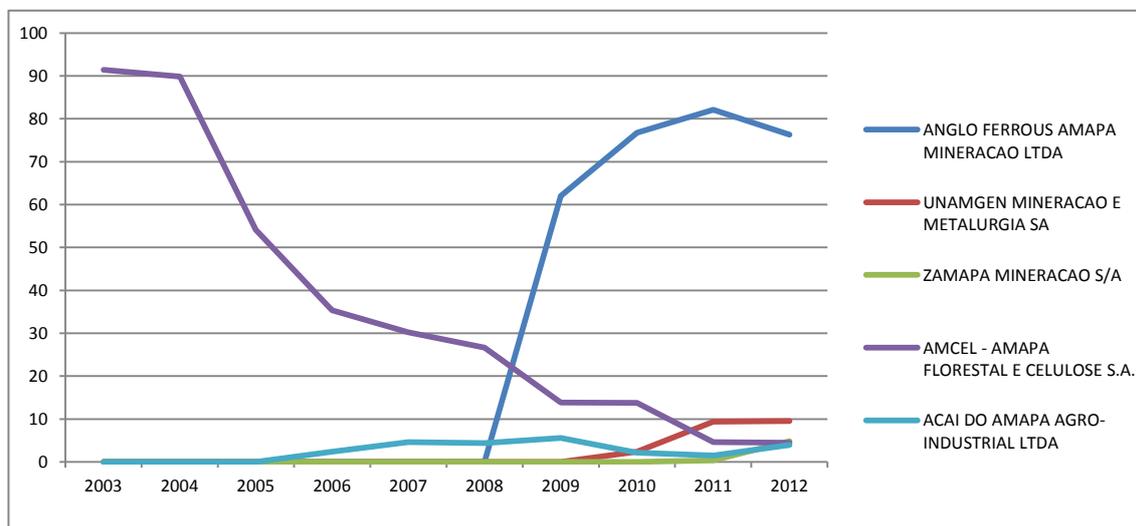


Fonte: MDIC- www.mdic.gov.br . Elaboração: Gutemberg Silva (2013).

No período seguinte (2006-2012), fruto da inserção de duas empresas exploradoras de minérios, ANGLO Ferrous e UNAMGEM, este grupo, com destaque para ferro e cromo, respectivamente, se manteve na base das exportações do Estado do Amapá (cerca de 55%, com pico de 94%). Neste segundo período, é importante destacar

a inserção relevante das exportações de barras de ouro e de frutos de açaí⁹, respectivamente pelas empresas Mineração Pedra Branca do Amapari LTDA e pela Açaí do Amapá, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4 – Empresas exportadoras do Estado do Amapá (2003-2012, em %)

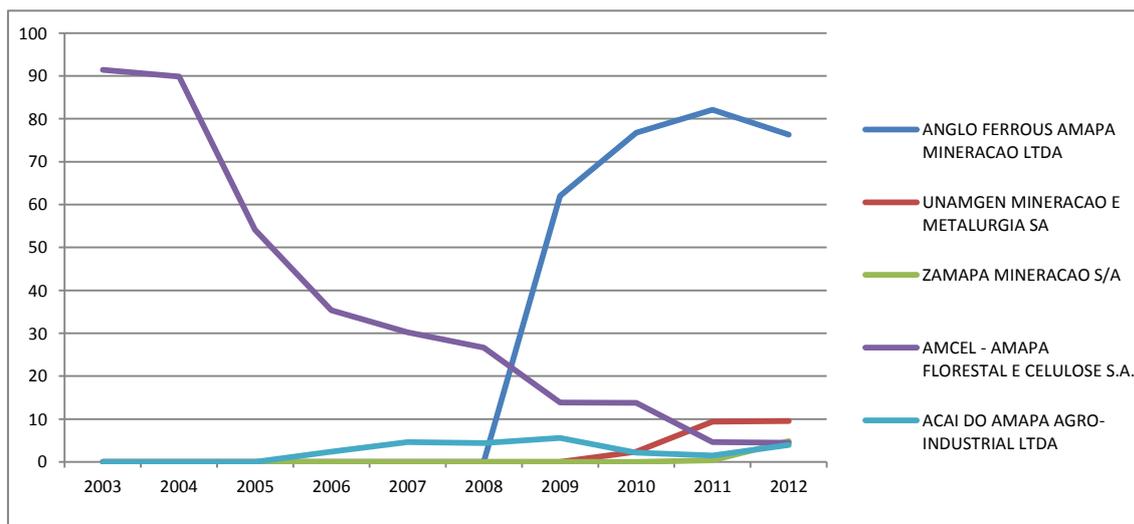


Fonte: MDIC- www.mdic.gov.br . Elaboração: Gutemberg Silva (2013).

O Gráfico 5 demonstra que houve uma mudança significativa nas empresas que influenciaram substancialmente as exportações estaduais. A empresa Anglo Ferrous, por exemplo, tem se destacado com uma média de aproximadamente 74%, desde quando começou suas exportações em 2009, seguida pela Amapá Florestal e Celulose (AMCEL), UNAMGEM, ZAMPARA e, por último, a empresa Açaí do Amapá. De todas as empresas, apenas a AMCEL exportou em todos os anos avaliados (2001-2012), mas com uma queda significativa, conforme demonstra o referido Gráfico. Isto se justifica pela diminuição das remessas de cavacos de pinus e eucalipto ao exterior, bem como pela força que adquiriu as exportações de minérios de ferro.

Gráfico 5 – Empresas exportadoras do Estado do Amapá (2003-2012, em %)

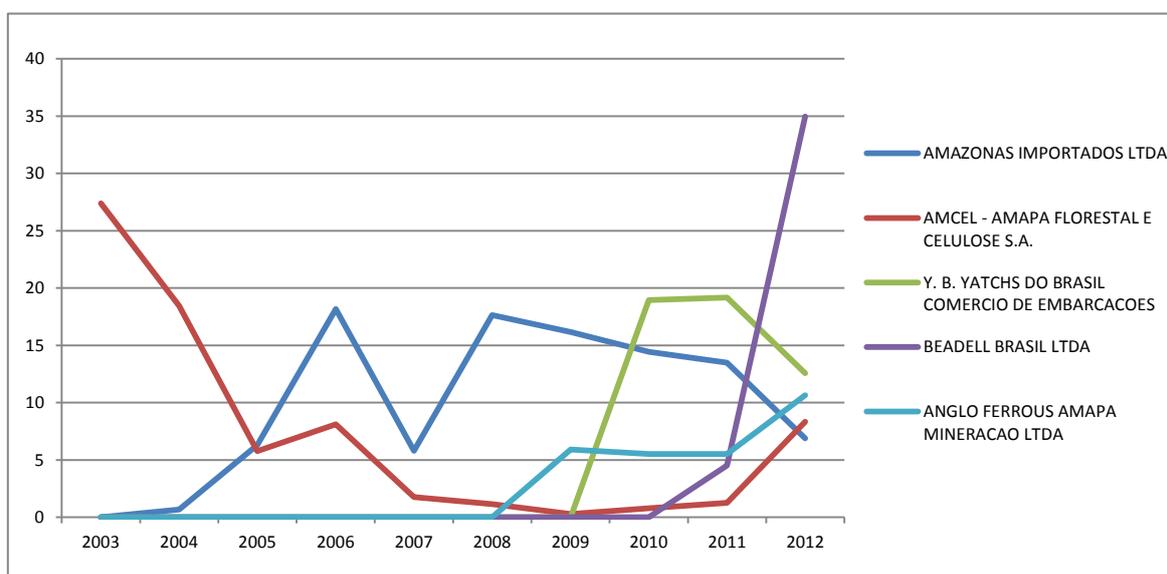
⁹ O açaí (*Euterpe oleracea*) é uma palmeira que produz um fruto de cor roxa, utilizado na confecção de refrescos e bebida por uma parcela significativa da população da Amazônia brasileira.



Fonte: MDIC- www.mdic.gov.br . Elaboração Gutemberg Silva (2013).

Nas importações, o comportamento foi mais balanceado que no caso anterior. Em relação às empresas, destaque para Beadell, Yatchs do Brasil e Amazonas Importados. É interessante destacar que as empresas Anglo Ferrous e AMCEL, destacadas anteriormente, apresentaram destaque também nas importações, fruto das compras de máquinas e peças de reposição (Gráfico 6).

Gráfico 6– Empresas importadoras do estado do Amapá (2003-2012, em %)



Fonte: MDIC- www.mdic.gov.br . Elaboração Gutemberg Silva (2013).

A Tabela 2 apresenta os principais países que atuam no comércio exterior amapaense, em dois períodos de destaque (2001-2005 e 2006-2012). No primeiro período (2001-2005), Estados Unidos e China se destacaram nas exportações. A França não obteve destaque expressivo, ficando apenas com uma média de 1% no período. No segundo período (2006-2012), China, Bahrein e Estados Unidos estiveram em destaque. Os dois primeiros com a compra do minério de ferro, e o terceiro com a aquisição de madeiras em cavacos. Seguidos de longe por Turquia, Alemanha e França.

Tabela 2 - Principais países do comércio exterior amapaense (2001-2012, em %)

Países exportação	2006-2012	2005-2001	Países Importação	2006-2012	2005-2001
CHINA	34,37	8,38	CHINA	32,56	14,21
BAHREIN	31,44	0	ESTADOS UNIDOS	23,79	26,94
ESTADOS UNIDOS	25,18	27,15	REINO UNIDO	8,17	1,4
TURQUIA	9,31	0	FRANÇA	4,66	8,41
ALEMANHA	2,42	0	ALEMANHA	3,58	0,77
FRANÇA	1,04	1,38	AUSTRALIA	2,89	0,00

Fonte: MDIC. Elaboração: Gutemberg Silva (2013)

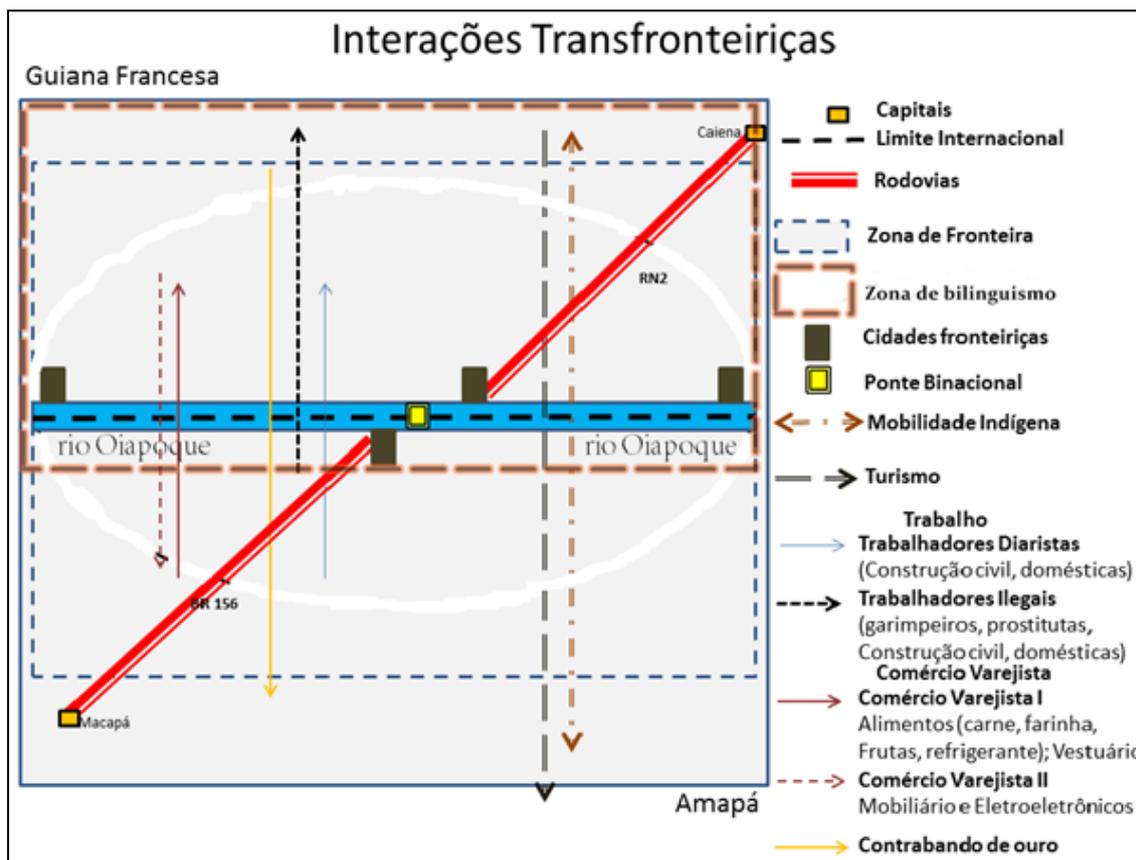
Se tratando de importações, China e Estados Unidos se destacaram nos dois períodos, assim como Reino Unido e França, com média inferior a 10% das importações estaduais. Levando-se em consideração o conjunto, notamos que a China e os Estados Unidos são os grandes parceiros comerciais do Amapá, contudo, a balança comercial os favorece, visto que os dois países compram produtos com nenhum/baixo valor agregado, minérios e madeiras, e vendem peças e produtos tecnológicos com alto valor agregado, como componentes de máquinas, computadores, entre outros.

A permeabilidade ao longo das fronteiras do Brasil varia muito. Existem longos trechos da fronteira onde o escasso povoamento e a inacessibilidade dificultam os contatos transfronteiriços. Em outros, todavia, é grande a interação transfronteiriça, principalmente naqueles onde existem *idades gêmeas*, tais como Oiapoque (AP)-Saint-Georges (GF), Pacaraima (RR)-Santa Elena de Uairén (VZ), Bonfim (RR) - Lethem (GY), entre outras. Para a descrição e caracterização da permeabilidade da fronteira utilizou-se o modelo das interações transfronteiriças proposto.

Na interação transfronteiriça do tipo *capilar*¹⁰ predomina na fronteira entre Amapá-Guiana Francesa, através das cidades de Oiapoque e Saint Georges. Este tipo de interação pode ocorrer somente no nível local, como no caso das feiras, exemplo concreto de interação e integração fronteira espontânea. A interação também pode ocorrer por meio de trocas difusas entre vizinhos com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea, nas quais o Estado intervém pouco, principalmente não investindo na construção de infraestrutura de articulação transfronteiriça (BRASIL, 2010).

¹⁰ Segundo Cuisinier-Raynal (2001) utilizada em Brasil (2005), as interações transfronteiriças podem ser classificadas como: margem, zona-tampão, frentes, capilar e sináptica, predominantes em cada trecho da fronteira. No Arco Norte predominam as “zonas-tampão”, que são áreas de acesso restrito - em geral, unidades de conservação e reservas indígenas. Mas existem também algumas *idades-gêmeas*, que são lugares onde são desenvolvidas intensas interações transfronteiriças e, por isso, neles dominam as interações de tipo capilar e sinápticas (BRASIL, 2005).

Figura 1 - Interação Capilar da Fronteira Franco-Brasileira



Fonte: Modelo esquemático de Machado (2002). Org. e atualização Silva (2012)

As interações capilares entre Amapá e Guiana Francesa são marcadas pelos fatores destacados na Figura 1. Sendo estes:

- zona de bilinguismo: é tida a partir do limite internacional, e tem sua maior concentração até a capital, Caiena, porém alguns brasileiros ou pessoas de outras nacionalidades podem ser encontrados em todo o território guianense. Isto ocorre devido ao alto fluxo de imigrantes brasileiros na Guiana Francesa, reflexo de décadas de migração, o que não acontece do lado inverso, apesar de, em casos pontuais, ser encontrados residentes ou turistas franceses no espaço amapaense, além de existir um centro de ensino da língua francesa mantido pelo governo estadual amapaense (Centro estadual de língua e cultura francesa Danielle Mitterrand).

- mobilidade indígena: se trata do trânsito de índios de diferentes etnias presentes no espaço geográfico fronteiriço. São indígenas Galibi do Oiapoque e Galibi Marworno, em sua maioria, que transitam a muito tempo de ambos os lados do limite internacional.

- Turismo: o fluxo de franceses que cruzam a fronteira é muito maior que o contrário. Um dos principais fatores é a disparidade entre os valores das moedas de circulação no Brasil e na França, Real e Euro, respectivamente (em média, a cotação do Euro sobre o Real é de R\$ 2,70). Além do mais, outro elemento que se torna uma barreira, limitando o número de brasileiros na Guiana Francesa, é a necessidade do visto de entrada. Para se ter autorização de entrada neste departamento francês, é necessário

que o brasileiro pague o valor de R\$158, possuir seguro saúde, e, caso deseje levar seu próprio carro, pagará um valor considerável para habilitar seu uso em solo francês.

- Fluxos de trabalhadores e de mercadorias: no primeiro caso, o que hoje chama atenção é o movimento pendular de trabalhadores e o já histórico movimento de trabalhadores em situação ilegal. No segundo caso, torna-se necessário para melhor entendimento uma divisão do comércio varejista. O comércio varejista I faz referência a alguns comerciantes ou particulares brasileiros que levam para a Guiana Francesa produtos alimentícios que não são encontrados no comércio local ou são muito caros, como é o caso da carne de gado. Já o comércio varejista II, é desenvolvido por brasileiros, majoritariamente residentes de forma legal, que encontram vantagens em comprar equipamentos eletroeletrônicos na Guiana Francesa.

- Garimpagem: a garimpagem e o conseqüente contrabando de ouro é uma atividade desenvolvida principalmente por brasileiros que entram ilegalmente em território francês, extraem o ouro e o vendem no mercado negro brasileiro. É importante destacar que essa atividade ilegal é um dos maiores motivos dos impasses existentes para o desenvolvimento da cooperação transfronteiriça entre o Amapá e a Guiana Francesa.

Foi na VI Reunião da Comissão Mista de Cooperação Transfronteiriça que o comércio ganhou relevância por conta da propalada inauguração da ponte binacional (Foto 1) entre Amapá e Guiana Francesa.

Foto 1 - Vista panorâmica da ponte binacional



Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Nesta comissão, foi celebrado um Acordo de Regime de Subsistência entre Saint-Georges-de-l'Oyapock e Oiapoque, que permitirá o livre comércio de produtos correntes, sem taxas e impostos de importação. Esta medida, porém, ainda necessita de aprofundamentos nas normas alimentícias e fitossanitárias, entre outras, pois existem preocupações com o atendimento às normas europeias referentes a exportações oriundas do Brasil, principalmente de produtos alimentícios (Quadro 1).

Quadro 1 - Principais acordos de cooperação transfronteiriça em questões comerciais

Temas da Cooperação	Objetivos	Situação atual/Perspectiva
Zona de Regime Especial entre Oiapoque e Saint-Georges-de-l'Oyapock.	Desenvolver as relações comerciais entre os dois lados da fronteira.	Necessidade de realização de estudo sobre as possibilidades de simplificação dos entraves administrativos e alfandegários para impulsionar o comércio regional, e sobre a identificação das potencialidades de incremento e fomento do comércio.
Rodada Internacional de Negócios	Propiciar o comércio de produtos de base florestal do Amapá, como móveis, entre empresas de vários países.	Com início em 1998, pelo nome de Equinócio, seu objetivo seria o comércio de produtos, serviços e tecnologias nos setores agro-alimentares, turísticos e pesqueiros. A última edição em 2012 teve por nome Amazontech e ocorreu em Macapá, mas com pouca participação de compradores da Guiana Francesa.

Fontes: ADAP (1997; 1999; 2002; 2008; 2009; 2010a; 2012); INSEE, 2011a. Elaboração: Gutemberg Silva (2013)

Para isso, os representantes afirmaram a necessidade de o Brasil, através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e outros órgão competentes, estabelecer os padrões adequados. Isto ocorreria a partir da implantação de uma comissão específica para tratar desse tema antes da abertura da ponte binacional. Propõe-se também a criação de um posto de inspeção transfronteiriça para verificar a procedência dos alimentos, a permissão de entrada, bem como o estabelecimento de uma zona de quarentena para alguns alimentos. Neste ano de 2013, foi sancionada uma Lei no Congresso Nacional, permitindo a instalação de *Duty Free* nas cidades fronteiriças do Brasil, fato este de grande importância na dinâmica da cidade de Oiapoque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cooperação transfronteiriça é um fenômeno de articulação entre duas áreas limítrofes de Estados soberanos. Abrange todas as nuances da vida diária e o desenvolvimento de programas conjuntos, de prioridade e de ações. Em traços muito gerais, podemos dizer que a CT entre Amapá e Guiana Francesa no aspecto comercial ainda é pífia, marca de séculos de rivalidades e indiferenças. Ainda precisam ser formatados diferentes mecanismos de regulação do trânsito de mercadorias e serviços

para que as interações comerciais transfronteiriças se desenvolvam. Muitas, no entanto, são as barreiras para tal cenário, o que dificulta o avanço da CT nesta temática.

REFERÊNCIA

ADAP (Agência de Desenvolvimento do Amapá). Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 1997.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 1999.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 2002.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 2008.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 2009.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 2010.

_____. Relatório da Comissão Mista Transfronteiriça. 2012.

BRASIL. Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Programas Regionais, Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. Disponível em <http://www.integracao.gov.br/publicacoes>

_____. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Plano de trabalho Interfederativo para a integração fronteiriça, 2010.

CORRÊA, R. L. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CUISINIER-RAYNAL, A. La Frontière au Pérou Entre Fronts Et Synapses. In: L'Espace géographique, 2001/3 (tome 30), Belin, 2001. Disponível em http://www.cairn.info/auteur.php?ID_AUTEUR=2035.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Demográfico. 2010.

INSEE (Institut National de la Statistique et des Études Économiques). Amapá-Guiana Francesa: Melhor estruturar os territórios para intensificar os intercâmbios. Guiana Francesa: PRIM, 2011a.

_____. Guyane: um développement sous contraintes. Guiana Francesa: PRIM, 2011b.

MACHADO, L.O. Estado, territorialidade, redes: Cidades-gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, M.L (org.). Continente em Chamas: Globalização e território na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 243-281.

NIJKAMP, P.; RIETVELD, I; PIET, S. Barriers in spatial interactions and communications – A conceptual exploration. In: The annals of regional science, Bellingham – vol. 24, nº 4, Boston, 1990. pp. 237-252.